

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA URBANA\*

Vicentina Socorro da ANUNCIÇÃO\*\*  
Maria Terezinha Serafim GOMES  
Sedeval NARDOQUE  
Agda Márcia da SILVA  
Edilene Mayumi Murashita TAKENAKA

**Resumo:** A preocupação com o passado por muito tempo foi vista como uma atitude saudosista, mesmo de anti-desenvolvimento. Na atualidade, assiste-se a uma busca da valorização do passado, presente, principalmente, em pesquisas voltadas para o resgate da *memória urbana*. Porém este resgate é uma tarefa difícil já que muito pouco resta de vestígios do passado. Cabe destacar, todavia, que as *permanências* não são apenas paisagem materializada. Há alguns valores e elementos – fontes importantes de informações de momentos históricos anteriores – que resistem em nossa sociedade e que ainda “aguardam” para serem redescobertos e analisados por pesquisadores do espaço urbano.

**Palavras-chave:** Memória urbana; Pesquisa; Geografia.

**Resumen:** La preocupación por el pasado durante mucho tiempo fue vista como una actitud retrógrada, atrasada, de anti-desarrollo. En la actualidad, se asiste a una búsqueda de la valoración del pasado, presente, principalmente, en investigaciones volcadas hacia el rescate de la *memoria urbana*. Pero este rescate es una tarea difícil ya que resta muy poco de los vestigios del pasado. Cabe destacar, sin embargo, que las *permanencias* no son apenas paisaje materializado. Hay algunos valores y elementos – fuentes importantes de información de momentos históricos anteriores – que resisten en nuestra sociedad y que aún “esperan” ser redescubiertos y analizados por los investigadores del espacio urbano.

**Palabras llave:** Memoria urbana; Investigación, Geografía.

### INTRODUÇÃO

A análise sobre a busca da *memória urbana* assume plena relevância nos debates acadêmicos no final do século passado, quando a sociedade passa a se perturbar, cada vez mais, com a incerteza do futuro.

Neste artigo apresentamos algumas reflexões sobre *memória urbana*, a partir das pesquisas feitas por alguns autores estrangeiros e brasileiros, em especial Maurício de Abreu e

\*Texto originalmente apresentado à disciplina *Urbanização e Produção da Cidade*, ministrada pela Profa. Dra. Maria Terezinha Serafim GOMES, do Programa de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente/SP, em dezembro de 1999.

\*\*vicineto@hotmail.com, nardoque@melfinet.com.br, serafimgomes@hotmail.com, guidasilva@yahoo.com.br, murashita@muranet.com.br

Janotti & Rosa, dos quais tomamos grande parte dos argumentos utilizados nesse ensaio e outros poucos, que se detiverem na análise da temática.

A intenção maior deste ensaio é refletir, nos seus primeiros tópicos, sobre a importância de ser memória urbana e a importância de seu entendimento, o porquê da busca de valorização do passado, da revitalização de suas *rugosidades* que marcaram a história.

Para tanto, fez-se necessário, a partir dos tópicos finais, apresentar algumas reflexões sobre a memória, memória individual e memória coletiva, visando alcançar a relação entre memória, pesquisa, memória, história e geografia. Estaria aqui um quinhão ainda não explorado pelos pesquisadores do espaço urbano, que se mostra rico em possibilidades de análise e que pode ser alvo de estudos para profissionais da área, como o geógrafo.

## 1 O ONTEM .... A BUSCA DO NOVO...

Por muito tempo a sociedade cultuava o novo, sinal de progresso e de desenvolvimento. No que se refere ao Brasil, os projetos modernizantes do século XX fundamentaram-se na esperança de um futuro melhor e na rejeição do passado, na abolição de seus vestígios e superação. Esses projetos traziam consigo a idéia de "Brasil país do futuro".

Nesse contexto, a partir da República, as reformas urbanísticas radicais que transformaram a face de diversas cidades brasileiras, foram bem acolhidas entre as elites modernizadoras do país, tanto que jamais hesitaram enfrentar qualquer apego a antigos costumes urbanos, taxados sempre como um comportamento indicador de conservadorismo, atraso, de subdesenvolvimento. Vários foram os movimentos de valorização do novo que povoaram o cenário nacional, como "50 anos em 5" e "Prá frente Brasil", conforme Abreu (1998, p.9).

No Brasil, a maioria das cidades são recentes, datam do final do século XIX e XX. No entanto, poucas são as cidades que apresentam os vestígios do início do século, quase todas foram transformadas. O período de grandes transformações nas cidades brasileiras corresponde às décadas de 1960, 1970 e 1990<sup>1</sup>. As cidades mais antigas e mais importantes como São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras, tiveram suas paisagens bastante metamorfoseadas por projetos de *reurbanização* ou de *modernização*. Outras, como Salvador e Ouro Preto, apresentam-se com seu patrimônio histórico em consequência de longos períodos de decadência econômica, o que evidencia suas lentas transformações.

## 2 O HOJE ... A BUSCA DA VALORIZAÇÃO DO PASSADO... UMA TENDÊNCIA RECENTE

Santos (1994, p. 43) define a cidade como "espaço de acumulação dos interesses sociais desiguais". Sendo assim, pode-se interpretar que algumas coisas permanecem e outras mudam, deixando marcas ou testemunho numa dada paisagem.

As que permanecem não possuem os mesmos significados ou conteúdo. Este foi o caso, por exemplo, da ferrovia Alta Sorocabana que "corta" a cidade de Presidente Prudente no sentido leste/oeste, e que já não desempenha o mesmo conteúdo que no passado: hoje é vista como um empecilho ao crescimento e desenvolvimento da cidade, mas no passado foi símbolo de progresso. No entanto, não se pode apagar da memória urbana o que representou no passado para a cidade. Sendo assim, a busca da memória é necessária para não se perder a história no tempo.

<sup>1</sup> Periodização extraída de notas feitas em sala de aula na disciplina *Urbanização e Produção da Cidade*, ministrada pela Prof. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito, no curso de Pós-Graduação em Geografia.

cto, entre

ue vem a  
zação do

efinições  
nte entre  
do pelos  
portanto,

vimento  
m-se na  
s, na sua

ais, que  
as elites  
valores e  
ismo, de  
vo, que  
e afirma

XX. Na  
todas já  
pondem  
Paulo e  
jetos de  
se como  
o que

## ÊN CIA

tempos  
ras não

o caso,  
sentido  
mo um  
olo de  
para  
mpo.

ela Profa.

Na Europa, já na década de 1970, existia uma preocupação com a valorização do passado. Todavia, esta tendência se espalhou mundialmente desde o final do milênio passado. É o mesmo se verificando, também, no Brasil com a recente tendência de busca de memória, de valorização do passado. Neste sentido, Abreu (1998) ressalta que

*"esta tendência no Brasil é inédita e reflete uma mudança significativa de valores e atitudes sociais até agora predominava um período em que se cultuava o que era novo, um período que resultou num ataque constante e sistemático às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou revalorização dos mais diversos vestígios do passado. A justificativa apresentada é invariavelmente a necessidade de preservar a memória urbana". (p. 5)*

Essa valorização do passado ou do que sobrou dele na paisagem materializada, fica presente nas chamadas "instituições de memória" como museus, bibliotecas e arquivos, criando assim uma nova relação de identidade entre homens e mulheres e os lugares no final do século XX e se dá de forma geral em todo o mundo como argumenta Nora (1984) apud Abreu (1998).

Essa mudança de concepção com relação ao passado tem gerado algumas discussões entre autores, de acordo com as reflexões de Abreu (1998), os quais apontam algumas justificativas para tais mudanças ou tendências desta busca do passado. Alguns destes enfatizam as transformações que vêm ocorrendo no imaginário ocidental há algumas décadas. Outros, por sua vez, dão ênfase à velocidade do período atual de globalização, que tem levado as pessoas a uma busca ansiosa de referenciais de identidade. E, neste sentido, as incertezas e inseguranças presentes ao futuro levam as pessoas a terem uma relação de identidade com o passado.

Para Le Goff (1990) apud Abreu (1998, p. 6) "essa valorização atual do passado tem a mesma fim da era de otimismo ilimitado no futuro, iniciada com o Iluminismo (...)". Todavia, no século XX, o futuro tão sonhado pelo Iluminismo não foi alcançado. A emergência de eventos como o Holocausto, epidemias, fome, a crise ecológica, crise do socialismo, falência do projeto iluminista e de muitas propostas políticas que não deram certo, impossibilitaram o futuro prometido.

Mesmo assim, o projeto iluminista impôs à sociedade uma insaciável vontade de constantes mudanças. A visão de mundo voltou-se para o futuro, para o progresso. E, olhar para o passado passou a ser visto como algo saudosista, retrógrado.

O período atual é de transição, marcado por incertezas e angústias, segundo Lepetit e Santos (1993), Santos (1994) e Abreu (1996). Para Santos (1994, p. 45-46), "são períodos de transição em que tempos antigos hegemônicos passam a coexistir e a interagir com recém-nascidos e novos em busca de uma hegemonia". São estes momentos que levam as sociedades a reavaliarem suas visões de mundo, a desconfiarem do futuro, a revalorizarem o que já existiu em tempos passados.

Esse período tangido pela globalização é considerado uma ruptura. Duvignaud (1990) e Abreu (1998) ressalta que é nos momentos de ruptura da continuidade histórica que as sociedades tendem a se direcionar mais para a memória. A globalização, que permite a conectividade, também reforça a individualidade e a busca da preservação do lugar.

Outra explicação para memória urbana ou das cidades é a busca de diferenciação dos lugares, reforçada pelo interesse da busca da singularidade. A instantaneidade das comunicações não permitindo a homogeneização do espaço global que coloca "o lugar em todo lugar" como argumenta Santos (1994), que também salienta que cada lugar na busca da sobrevivência e de

individualidade, diferencia-se dos demais. A tendência à abolição do lugar enquanto singularidade reforça justamente a busca desta última, como afirma Abreu (1998):

*“o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem em ‘instituições de memória’, ou ainda na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido a essa procura de diferenciação. A busca de identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca do passado. Essa procura, sem dúvida defensável em termos de preservações das tradições vitais de uma sociedade, pode entretanto ser perigosa quando levada aos extremos. Como bem mostrou Lowenthal (1996), as sociedades podem acabar sendo ‘possuídas pelo passado’, o que resulta não raro na distorção da história e em conflito social”.* (p. 7)

A imagem urbana dos lugares é fetichizada como mercadoria. A mercantilização da paisagem é feita através do turismo como fonte de renda e de lucros. Isto leva à estandartização da paisagem.

Por esse motivo, entre outros já mencionados, o passado das cidades brasileiras vem sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas têm sido objetivo de alguns agentes, dentre estes os governos municipais. Até mesmo as cidades relativamente novas já adotam a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. E naquelas em que a destruição da herança urbana foi devastadora, têm sido grandes esforços para salvar e valorizar o que restou. Todavia, estas tentativas nem sempre têm sido bem sucedidas, por isso nas cidades do período da colonização poucos são os vestígios do passado.

São Paulo, por exemplo, que desempenhou papel relevante econômico no século XVIII sofreu grandes transformações e poucas são as permanências.

Por outro lado, em Salvador que por três séculos desenvolveu papel relevante no processo histórico - por ter sido a capital do país, por sua posição portuária e também por ser a maior área produtora de açúcar do Brasil no século XVII - foram construídos monumentos religiosos (igrejas, conventos, recolhimentos), governamentais e civis na área central da cidade, além também as fortificações construídas fora do centro da cidade, que reúnem muitas permanências guardando vestígios do passado.

Esse importante patrimônio histórico da cidade de Salvador deve-se ao longo período de estagnação econômica local pela qual passou, que permitiu a sobrevivência de um impressionante acervo urbanístico, cujos melhores exemplos datam da “Idade de Ouro” (finais do século XVII e meados do século XVIII), como afirma Vasconcelos (1997). Devido a essa forma, foi a crise que atenuou os ataques ao parque construído anteriormente, dando lugar a qualquer ação preservacionista.

Hoje tem se observado o movimento de preservação do passado e restauração pelo turismo, vem passando as cidades brasileiras. No caso ainda de Salvador, a renovação do Centro Histórico está causando um processo de retorno das camadas mais abastadas da população da cidade. É relevante salientar que o patrimônio histórico de Salvador é visto como forma e leva à transformação social.

Essa busca de valorização do passado é muito superficial. Trata-se do movimento de valorização pelo capital para desfrutar maior rentabilidade produzindo o novo ao restaurar produtos e espaços da história urbana que transformam em objetos, assim fazem da cidade histórica um campo de investimentos rentáveis, revalorizando produtos e obras. A isto pode chamar-se de “produção de memória”, como salienta Seabra (1999):

enquanto

ularidade  
a vivo no  
que seja  
ferença. A  
e, tem sido  
sado. Ta  
tradição  
levada a  
les poder  
distorção

ação dest  
va a uma

leiras está  
s urbanas  
as cidades  
os de sua  
grandes o  
sido bem  
ssado.  
culo XX.

evante no  
por ser a  
numentos  
a cidade e  
anências.

eriodo de  
de um  
o" (entre  
7). Desta  
do que a

pelo qual  
Histórico  
cidade. É  
exclusão

to ditado  
s e obras  
ampo de  
dução de

*"a sociedade de mercado generalizada não cessa de introduzir novas necessidades; é assim que no âmbito da indústria cultural e do turismo, que fragmentos do processo de urbanização são estrategicamente produzidos, para realizarem-se como memória, no processo já identificado como museificação daquilo que restou da cidade histórica." (p.25)*

Já Abreu (1998, p. 13) argumenta que *"a memória urbana é hoje um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar."* O lugar é palco dos acontecimentos e é nesse mesmo lugar que ocorrem as metamorfoses, ficando assim poucas permanências. Para isso é preciso resgatar o passado para garantir às futuras gerações a busca de identidade, a memória do que sobrou do passado, materializada no espaço ou nos valores e elementos presentes na memória individual e na memória coletiva.

### MEMÓRIA INDIVIDUAL E MEMÓRIA COLETIVA

Para esclarecer melhor a definição de *memória urbana* não confundindo-a com *memória das cidades*, faz-se necessária a compreensão de *memória individual* e *memória coletiva*. Abreu (1998) nos traz uma importante contribuição neste sentido, quando afirma que para se alcançar a análise da memória deve-se resgatar o sentido de sua compreensão enquanto elemento de identidade do lugar, indo ao encontro ao que diz Santos (1994):

*"(...) o lugar é a extensão do acontecer solidário, entendendo-se por solidariedade a obrigação de se viver junto. O lugar é então o locus do coletivo, do intersubjetivo. Por essa razão, o que nos interessa aqui não é discutir a memória individual, por definição subjetiva e única, mas a memória compartilhada, a memória solidária. A memória de um lugar, a memória de uma cidade, é, portanto, uma memória coletiva. Não se pode, entretanto, explicar o que é memória coletiva se não partimos da discussão do que vem a ser memória individual." (p. 34)*

Assim, a *memória individual* pode possibilitar a recuperação da *memória das cidades*, através de registros de lembranças de pessoas que viveram momentos urbanos que já se passaram em espaços que não existem mais. A história oral e as memórias dos velhos são instrumentos importantes para o resgate da identidade do lugar, como aponta Abreu (1998), que alerta que tem que ser cuidado, entretanto, com a *memória individual*, já que por definição, ela é subjetiva, logo, guardamos na memória o que nos interessa pessoalmente.

Há, ainda, um outro fato para o qual se precisa atentar:

*"( . . . ) o espaço da memória individual não é necessariamente um espaço euclidiano. Nele as localizações podem ser bem fluidas ou deformadas, as escalas podem ser multidimensionais, e a referência mais topológica que a geográfica. Se essas distorções entre o espaço real e o espaço da memória podem ser riquíssimas para um trabalho de geografia comportamental, ou mesmo para trabalhos de geografia humanística, elas não têm necessariamente o mesmo valor quando utilizadas para o resgate da memória das cidades. Aqui a ancoragem tem que ser objetiva, o que não impede que seja enriquecida com uma série de lembranças subjetivas. O*

*importante é que, ao utilizarmos estas últimas, saibamos evitá-las e não cairmos em armadilhas.” (p. 12)*

Para o entendimento da *memória coletiva* é preciso antes de tudo que se reconheça a inseparabilidade entre o tempo e o espaço, como aponta Halbwachs apud Abreu (1998):

*“(...) a memória coletiva é um conjunto de lembranças conscientemente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. Halbwachs não cansa de enfatizar o caráter familiar, grupal, social da memória. Sem negar a importância à memória individual, para ele a capacidade de lembrar determinada, não pela aderência do grupo a ela, mas porque ele faz parte daquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço que foi compartilhado por coletividade durante um certo tempo, seja residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho etc. A memória coletiva é também uma corrente de pensamento continuamente atualizada, que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de despertar a consciência de algum grupo. Assim o presente não se opõe ao passado, mas quer dizer que tudo o que ocorreu no passado seja preservado na memória compartilhada, por definição ultrapassa sempre limites de tempo e espaço presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado e estende-se até onde pode. (p.12)*

As *memórias coletivas* são armazenadas para o futuro muito mais em registros e documentos, que em formas materiais inscritas na paisagem. São os documentos que transformam a memória coletiva em memória escrita, preservam a memória das cidades e os documentos permitem a “*contextualização dos testemunhos do passado na paisagem*” (Abreu, 1998), por isso, o resgate da memória das cidades não deve se limitar somente às formas materiais da cidade. O que está arquivado nas “*instituições de memória*” deve ser recuperado através de um trabalho de pesquisa com fontes orais ou histórias de vida, que pode ser feito mediante o resgate da cidade e da história.

#### 4 CIDADE E HISTÓRIA

Para se alcançar o entendimento da *memória da cidade* é necessário penetrar na história do lugar. Dessa forma, o trabalho com depoimentos orais e histórias de vida concebe-se, muitas vezes, como uma alternativa às interpretações estruturalistas e, como um contraponto a determinado tipo de discurso homogeneizador, que não reconhece a pluralidade das diferentes versões sobre os acontecimentos.

A utilização de fontes orais nos permite construir um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico e complexo, na medida que analisa e relaciona todos os fenômenos estruturais e superestruturais, como a vida cotidiana dos protagonistas da história, principalmente com a participação dos iletrados.

Nesse aspecto, o trabalho com fontes orais se constituiria numa reação às explicações globalizantes, apoiadas fundamentalmente em documentos escritos. Há, porém, um equívoco neste raciocínio à medida que se confundem técnicas utilizadas com objetos a serem analisados. Cabem perfeitamente, no entanto, interpretações generalizantes aos depoimentos pessoais bastando que o pesquisador escolha como tema aspectos comuns às fontes consultadas.

Tem-se alargado, porém, a presença da história oral nos campos explorados pelo pesquisador, permitindo identificar, aproximadamente, quatro posturas analíticas, de acordo com Janotti & Rosa (1993):

*"(...) a culturalista, estreitamente ligada à antropologia, priorizando pesquisas sobre cultura popular e aspectos da vida cotidiana; a sociológica, privilegiando temas vinculados à mudança social e à condição de classe; a proposta de uma nova epistemologia, que pressupõe o tratamento do depoimento individual como uma construção do saber histórico, uma versão que se justifica em si mesma, geralmente vinculada ao universo conceitual da psicologia social e à heurística-histórica, que reconhece a importância das histórias de vida e dos depoimentos orais reveladores de uma realidade oculta, conferindo-lhes o status documental, contudo sem deixar de analisá-los dentro de uma ótica comparativa com outras evidências". (p. 10)*

Essas posturas dificilmente se encontram isoladas: mesclam-se, apontando apenas a predominância de uma delas.

O uso sistemático de fontes orais na pesquisa histórica é relativamente recente, sendo, portanto, seus aspectos técnicos e de ordem metodológica ainda bastante polêmicos. Para analisar, dois princípios básicos devem nortear a pesquisa oral, de acordo com Janotti & Rosa (1993):

- a relação dialética que pode se estabelecer entre as fontes orais e os documentos, e considerando-se que, sem fontes escritas confiáveis que permitam estabelecer a distância necessária entre o dito e o não-dito, ou o que foi dito de forma diferente, não há verdadeira história oral;

- a história oral ou as fontes orais não são a soma de entrevistas independentes entre si, mas um conjunto orgânico e coerente de entrevistas; uma entrevista concreta não é mais que uma parte do conjunto e somente adquire seu real significado no todo que integra a amostra.

Há que se considerar também a natureza complexa das relações entre investigador e os depoentes. O comprometimento do pesquisador com seu objeto, nestes casos, "é tão íntimo que torna difícil distinguir se o discurso resultante é fruto de opção metodológica do cientista ou de uma teoria dos depoimentos". (Janotti & Rosa, 1993, p.14)

Os diversos tipos de fontes orais como história de vida, relatos de vida - circunscritos a determinado tema ou período - e depoimentos sobre um acontecimento ou uma personalidade também podem direcionar a interpretação para uma leitura política-sociológica do relato oral. Nesse contexto de oposição às formas de dominação social, dá-se voz à memória de mulheres, de crianças e de minorias sociais.

Já há décadas a historiografia<sup>2</sup> ocupa-se do resgate da memória dos vencidos. Da complexidade em relação aos testemunhos de marginalizados, a história oral tendeu a considerar inicialmente seu trabalho. Ao dar voz aos vencidos, acreditou estar abrindo mão do espaço do cientista para que o outro falasse e, assim, redimisse o grupo. No entanto, o pesquisador continua comandando o processo do conhecimento ao selecionar os depoentes, recortar temas, reescrever fontes e construir a explicação histórica a partir do que generosamente lhe foi oferecido (Janotti & Rosa 1993).

<sup>2</sup> A historiografia, de acordo com Janotti & Rosa (1993), para dar conta da pluralidade do real, vem multiplicando suas perspectivas teórico-metodológicas, no momento em que as temáticas da memória e da história oral vêm ocupando amplos espaços como se estivessem em si virtualidades redentoras dos impasses em que se encontra o conhecimento histórico.

Um dos primeiros teóricos da memória, segundo Abreu (1998, p.12-13), foi o sociólogo Maurice Halbwachs, que propôs a existência de uma *memória coletiva*, referenciada em espaços sociais. Para ele, a memória humana abriga inúmeros conjuntos de recordações, cada um compartilhado por um grupo de pessoas que experimentou a vivência comum dos acontecimentos rememorados. Quando o grupo de pessoas deixa de ser o mesmo, a realidade acontece com o tempo, a lembrança dos fatos e lugares vivenciados permanece eternizada, registrada, transformando-se então em memória histórica.

Inerente aos depoimentos orais, há uma pluralidade de aspectos subjetivos que diferenciam das fontes escritas, envolvendo uma forte carga emocional, que interfere na coleta e, conseqüentemente, na sua interpretação. Quase sempre o depoente admite que o entrevistado está comprometido com sua versão, ou seja, possui desejo de relatar o que se quer ver. Diante de tal expectativa, as antigas opções metodológicas que permitiram comparar fontes bem articuladas, ausentes que eram em documentação fria e passível de controle, não são suficientes, por isso, precisa ser revista a ética tradicional atinente ao trabalho científico.

A formação do pesquisador o predispõe a um lugar privilegiado no estudo da história, construindo seus argumentos a partir de evidências empiricamente verificáveis. O rompimento dos parâmetros mencionados tenderia ao alijamento de noções como a de processo, de espaço, de gênese, de ideologia, entre outras, e centraria o estudo em objetos simbólicos que transcenderiam as categorias convencionais da explicação científica.

Essas questões remetem ao risco do pesquisador vincular-se ao pitoresco e ao sentimentalismo, abandonando princípios coerentes de investigação presentes no método científico a ser aplicado (que representa o avanço no conhecimento das estruturas sociais).

Ao abandonar evidentemente a memória histórica que se refere ao mundo da sociedade política, voltando-se às lembranças da vida cotidiana, o pesquisador<sup>3</sup> pode ser preso a uma reprodução da vida e da força de trabalho. Há, pois, que redimensionar politicamente a interpretação da experiência vivida dentro do quadro histórico mais amplo da sociedade.

Acumulam-se coletas de fontes orais dispersas entre instituições e pesquisadores. Logo após a coleta, tão logo atendam seus propósitos iniciais perdem seu valor de uso. Cabe indagar como socializar essas coletas, centralizando-as em arquivos próprios e instrumentalizando-as para possíveis aproveitamentos.

Esses acervos suscitam indagações quanto ao seu reaproveitamento, pois, muitas vezes abrigam diferentes formas de registro. Os mais restritivos à reinterpretção são os depoimentos dirigidos, atrelados a questionários fechados, mas como abarcar a ampla gama de informações muitas vezes desencontradas, presentes em entrevista em aberto? Histórias de vida e relações de vida, sem dúvida, pela liberdade de expressão neles implícita, adquirem potencialidades imprevisíveis no projeto original de coleta. Para superar parte destes inconvenientes,

*"seria desejável que o arquivamento das fontes incluisse: por exemplo, a transcrição circunstanciada da coleta, fitas cassete ou de vídeos, acompanhadas das respectivas transcrições, cadernos de campo, autorização e identificação dos depoentes e trabalhos produzidos." (Janotti & Rosa, 1993, p. 28)*

A tradição na pesquisa brasileira ignorou, de maneira geral, os vestígios materiais. A Arqueologia e o estudo da Cultura Material incorporam por longo tempo, em sua metodologia

<sup>3</sup> Quanto ao papel de distanciamento do pesquisador ou entrevistador, Garrido (As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: uma contribuição ao Debate, pp.33-54, In: Memória, História e Historiografia, 1992/1993), "uma vez que constrói e participa da representação da situação da entrevista mas sem crer necessariamente nela; ou seja, jogando o papel que Berg qualifica de *notável*, já que anima o informante ao mesmo tempo em que se ocupa de (1) relacionar o que este disse com outras informações, (2) descobrir suas estruturas ocultas, (3) comparar a informação obtida com as hipóteses teóricas prévias, e (4) dar significado à informação segundo a importância que ele - o entrevistador - o conceba". (p. 43)

o sociólogo  
em quadros  
a um dele  
omum do  
o que m  
s pode se

ros que o  
ta narrativa  
ntrevistado  
ouvir . . .  
r discursos  
o são má  
9.

dos fatos  
mpiment  
e estrutur  
licos, que

inusitado  
er adotado

ação e da  
rituais da  
amente e

dores, que  
socializar  
osteriores

tas vezes.  
poimentos  
ormações,  
relatos de  
socialidade

projeto  
ados das  
nificação  
8)

ais, que a  
logia.

étrica: uma  
participa na  
de cínico  
informações.  
nidade à

A Arqueologia brasileira entrou nos anos de 1960, de acordo com Pereira (1967), em um momento muito dinâmica, com trabalhos por todo o país, sob o incentivo de missões estrangeiras que aumentam em número, criando projetos nacionais com fundos estrangeiros. Isto marcou os primeiros trabalhos de pesquisa aqui usados, influenciando toda uma geração de pesquisadores.

A compreensão do mundo é um processo material (Singer, 1986) de leitura, através da cultura material, da estrutura mental, da visão de mundo e da cultura geral.

Segundo Janotti & Rosa (1993), por todo o país, têm crescido a consciência de que a cultura material (e, portanto, seu estudo pela Arqueologia) tem contribuído para a formação da consciência histórica, recentemente, e as perspectivas abertas para o seu desenvolvimento no país são muito positivas: gerenciamento do patrimônio e educação pública em museus e, por outro lado, pesquisas no interior do sistema de ensino.

Assim, o Brasil é rico em bens históricos, desde as primeiras cidades coloniais até a atual Brasília, não esquecendo inúmeros edifícios, praças e monumentos, espalhados por todo o território.

Entretanto, não se poderia dizer que a cultura, os anseios e as "aspirações das grandes massas" do país, estejam devidamente refletidas nos museus brasileiros. Os museus, de acordo com Funari, 1992/1993, "são enormes construções retóricas, em geral mostrando artefatos das culturas passadas e refletindo a ideologia da elite, visando à transformação das relações sociais existentes, portanto, inevitável e eterno". (p.17)

Em visitas a eles pode-se fazer uma abordagem crítica de sua função desmistificando "a arqueologia, ensinando como o passado é uma construção e mostrando como o passado foi construído", e como a memória da cidade pode ser devidamente resgatada por pesquisadores comprometidos em expor a realidade dos fatos. (Leone, Potter & Schanckel, 1978, apud Funari, 1992/1993, p. 285)

Essa preocupação demonstra a importância do estudo de *memória da cidade* e do papel da geografia, enquanto elementos da investigação sobre *memória urbana*.

#### MEMÓRIA DA CIDADE E O PAPEL DA GEOGRAFIA

O termo *memória da cidade* vem sendo usado para designar o passado de uma cidade.

A memória de um lugar ou a *memória da cidade* só se estruturam plenamente quando começam a se formar, materializar, ancorar simultaneamente no tempo e no espaço. Portanto, esse termo serve para designar, segundo Abreu (1998, p. 17): "estoque de lembranças que estão armazenadas nas paisagens, nos registros de um determinado lugar, lembranças essas que são objeto de reapropriação por parte da sociedade."

Abreu (1998), sinaliza que a *memória urbana* trata do estoque de lembranças do modo de vida urbano, sem obrigação de relacionar-se a uma base material particular, a um lugar específico, ao passo que *memória da cidade* trata do estoque de lembranças do modo de vida urbano, porém, relacionado a um lugar específico.

Na tentativa de esclarecer melhor a terminologia referente a essa temática, uma preocupação ainda precisa ser feita sobre a distinção entre a *história urbana* e a *história da cidade* que Santos (1994) soluciona quando afirma que:

"A história do urbano, seria a história das atividades que se realizam na cidade, no ambiente urbano de modo geral. Seria a história do emprego não agrícola, das classes urbanas, da divisão do trabalho entre cidade e campo, a história da socialização na cidade. A história da cidade seria a história

*dos transportes, da propriedade, da especulação da habitação, do urbanismo e da centralidade." (p. 69)*

Assim, para tratar da memória de um lugar há que se trabalhar então na recuperação simultânea da história no e do lugar.

No tratamento dessa abordagem, a História tem um papel muito importante para resgatar o passado de um lugar. Entretanto, resgata apenas a *memória urbana*, pois consegue muito bem recuperar o tempo, mas perde o lugar. Faz uma análise brilhante de como o processo social ocorreu numa determinada cidade num momento específico do tempo, mas raramente sem o complemento que é de como foi a história daquela cidade naquele momento. Abreu (1998, p. 18) afirma que: "*se recupera a dimensão universal dos lugares e não consegue recuperar a dimensão singular dos lugares*".

Quando isso ocorre, perde-se a memória dos lugares, ou seja, não se consegue recuperar o mais fundamental – a individualidade – que é dada pela forma com que cada lugar sintetiza a relação entre o geral e o particular.

Para resolver esse impasse Abreu (1998, p. 18) adverte que: "*deve-se trabalhar em duas frentes de investigação ao mesmo tempo que seria a História e a Geografia*". No entanto, a Geografia vem tratando apenas do presente. Assim, o resgate da memória das cidades tem sido muito limitado. É um grande desafio que a Geografia enfrenta ao estudar o passado, enfatizado por (Santos, 1994) é como "empiricizar" o tempo.

Um trabalho geográfico para entender o momento presente pode ser aplicado para entender o passado, só que dirigido ao entendimento do passado de um lugar. Dessa forma, Abreu (1998), convida a nós geógrafos, a fazer um resgate de uma memória compreensiva das cidades, devidamente ancorada em suas amarras espaciais, pois é viável, e está à espera de nossa contribuição.

## 6 UMA TENTATIVA DE CONCLUIR...

A revalorização atual do passado traz a difícil tarefa de resgatar a *memória das cidades*, pois muitas *memórias coletivas* assim como as *memórias individuais*, perderam-se no tempo. O trabalho de recuperação das mesmas têm privilegiado apenas o processo social ocorrido nos lugares e não os próprios lugares. Portanto, tal resgate não se encontra adequadamente ancorado num de seus pilares fundamentais que é o espaço.

É importante destacar, que o resgate da *paisagem materializada* - enquanto elemento fundamental para o estudo de memória urbana - de sua identificação e localização nos espaços urbanos, significa ir além de sua característica enquanto mercadoria, como objetos de consumo implantados territorialmente, mas enquanto "monumentos históricos", símbolos da identidade social dos lugares.

A Geografia tem apresentado valiosas contribuições para as análises sobre as cidades, porém, ainda tem servido muito pouco para resgatar a sua memória por três razões principais, de acordo com as reflexões de Abreu (1998, p. 69):

1. o estudo da memória das cidades precisa "*da perspectiva diacrônica, essa tem sido invariavelmente preterida pela preferência por análises sincrônicas*", priorizadas nas pesquisas geográficas;
2. ao incorporar a diacronia, geralmente a mesma serve "*para acompanhar formas morfológicas desde o passado até o presente*", sem relacioná-las aos processos sociais adequadamente;

3. "(...) a sincronia privilegiada na geografia raramente se aplica ao estudo de um momento do passado de um lugar".

Dessa forma, não basta apenas resgatar o passado uma vez que a *memória das cidades* é produzida dia-a-dia.

Faz-se importante prestar atenção ao presente, arquivar os registros das memórias individuais e coletivas – identificando quais relatos pertencem realmente a coletividade e não apenas a minoria privilegiada – que ainda encontram-se vivas no cotidiano das cidades, aproveitando as oportunidades oferecidas pelos avanços nas técnicas – como o uso do computador – de armazenamento de informações que permitem a guarda, processamento, recuperação e divulgação de inúmeros dados sobre *memória urbana*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCEL, Maurício. Cidade Brasileira, 1870-1930. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 6., 1999, Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente:UNESP/FCT, 1999.
- BARCEL, Maurício. Sobre memória das cidades. *Território*, Rio de Janeiro, v.3, n.4, jan/jun. 1998.
- BARCELLOS, Ana Fani A.. A metrópole polifônica-polirâmica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 6., 1999, Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente:UNESP/FCT, 1999.
- BERGNAUD, Jean. Prefacio. In: HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Companhia, 1990.
- CHARRI, P. P. de A. Memória histórica e cultura material. In: \_\_\_\_\_ *Memória, história e geografia*. [s.l.: s.n], 1992-93, P.17-30.
- CHRISTINELLO, N. L. Memória coletiva e história científica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 180-193, 1994.
- COELHO; ROSA, História oral uma utopia. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 26, p.10, set 1992/ago 1993.
- DEBRIET, Bernard ; PUMAIN, Denise (Org.). *Temporalités urbaines*. Paris: University Press, 1983.
- FERREIRA, J. A. *Introdução ao estudo da arqueologia brasileira*. São Paulo: [s.n.], 1967.
- FREITAS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Contexto, 1994.
- GONCALVES, Odete Carvalho de Lima. Urbanização Fragmentação: apontamentos para estudo da memória urbana. In SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 6, 1999, Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente:UNESP/FCT, 1999.
- HABERMAS, Paul. Diploma, profissão e estrutura social. In: AAVV, *universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense.1986.p.51-67.
- MACDONCELOS, Pedro de Almeida. A "Idade de Ouro" de Salvador. *Território*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1997.